

Senhor? Senhora? Assim? A designação e a problemática do deslocamento da forma-sujeito e da função discursiva nas tirinhas da quadrinista Laerte

Mister? Mistress? Like this? The designation and the issue of the displacement of the subject-form and the discursive function in Laerte's comic strips

Clóris Maria Freire Dorow¹
Laura Nunes Pinto²

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar charges da cartunista Laerte Coutinho, referentes à personagem Hugo/Muriel, a partir da base teórico-analítica da Análise de Discurso de linha francesa pecheuxtiana (AD) e da base teórica das Teorias Queer. Há, portanto, durante o processo de existência de Hugo, a apropriação do gênero feminino pela personagem. Logo, este trabalho restringe-se a uma análise do deslocamento de uma forma-sujeito e, conseqüentemente, de uma função discursiva, assumida pela personagem Hugo nas tirinhas da quadrinista Laerte. Verificar-se-á, então, se a assunção de uma nova função discursiva pela personagem dos quadrinhos, determina o deslocamento dos saberes com os quais ele está se desidentificando, fato que estaria social, histórico e ideologicamente ligado à noção de memória discursiva e de historicidade. Assim sendo, as reflexões das tirinhas destacadas permitem dizer que ocorre um confronto entre formações discursivas antagônicas, através das modalidades de identificação e desidentificação da forma-sujeito.

Palavras-chave: Forma-sujeito. Identidades. Heteronormatividade. Gêneros.

Introdução

Este artigo analisa, a partir da observação de elementos da materialidade discursiva em sua relação com a memória e a historicidade, o funcionamento de duas tiras da cartunista Laerte Coutinho com vistas às modalidades de identificação, contraidentificação e desidentificação da forma-sujeito que interpela a personagem Muriel. É, para tanto, importante levantar a questão de que Muriel é considerada, pelo senso comum, como o

¹ Doutora em Letras. Coordenadora da Pós Graduação em Linguagens Verbo/Visuais e Tecnologias do Instituto Federal Sul-rio-grandense, clorisdorow@hotmail.com

² Especialista em Linguagens Verbo/Visuais e Tecnologias do IFSUL, mestranda em Letras da UCPEL, lauranunesp@gmail.com

alterego da cartunista, uma vez que ambas começaram o processo de trânsito do gênero concomitantemente. Diante disso, este trabalho se constitui numa tentativa de dar visibilidade a processos, relativos aos gêneros, que não se enquadram na dualidade definida pela ordem falocêntrica, e também, da necessidade de apreensão de processos significantes aí envolvidos, que produzem efeitos performativos³ nos corpos dos sujeitos.

Laerte é cartunista e chargista brasileira, considerada uma das artistas mais importantes da área no país. Aos 57 anos, assumiu sua transexualidade problematizando assim, as mais diversas questões de gênero e questionando-as principalmente por meio de charges polêmicas.

É deveras importante mencionar que meu ponto de vista teórico é o da Análise de Discurso pecheuxiana (doravante, AD), que teve início na década de sessenta e foi (re)significada no Brasil, sobretudo, por Eni Orlandi. Para tanto, trabalho com as noções de *processo discursivo*, noção esta que, para a AD, põe em funcionamento a língua em sua dimensão histórica e subjetiva, constituindo as paráfrases possíveis de uma determinada formação discursiva; de *formação discursiva* conjunto de saberes que, numa dada formação ideológica, determinam o que pode e deve ser dito; e da *memória do dizer*. Diferente da memória cognitiva que diz respeito ao armazenamento de informações no cérebro humano, a memória do dizer se refere aos saberes que constituem o sujeito como ser histórico e significativo. Também é importante trazer a questão da subjetividade, primordial conceito para a AD, afirmando que o *sujeito* não é fonte do sentido, nem senhor da língua; portanto despossuído de seu papel central, ele é integrado ao funcionamento do discurso, determinando e sendo determinado tanto pela língua quanto pela história. Além disso, resgato a noção de *contradição* para a teoria discursiva, noção esta que segundo Jean-Jacques Courtine “é o princípio de constituição das formações discursivas que se funda no interdiscurso e resulta no choque de FDs antagônicas” (COURTINE, 1981, p.127). Fundamental também para a AD é a

³ O conceito de performativo faz parte da obra do linguista inglês John Austin (linguista da enunciação) a quem Butler baseia-se para desenvolver a ideia de gênero performativo. Os (atos de fala) performativos, por não descreverem nem relatarem, não estão submetidos ao regime de verificação da verdade. Assim como os atos de fala, os “atos de gênero” seriam performativos que estariam fora do regime verdadeiro/falso e que apontariam para a fragilidade da normatividade de gênero ao explicitarem que a norma só pode funcionar como uma estrutura de repetição contínua. Tal conceito parece aproximar-se de alguma forma da paráfrase discursiva na medida em que trata também da reiteração de pressupostos ideológicos que definem o sujeito.

ideia de *sentido*, o qual não se encontra inscrito na palavra ou expressão em sua transparência, mas nos processos históricos que as constituem. Centralizo também minhas análises nas *modalidades da forma-sujeito* segundo Pêcheux (1988)⁴: *Identificação*, modalidade que caracteriza o “bom sujeito”, aquele que sofre cegamente a determinação da formação discursiva a que se encontra filiado; *contraidentificação*, modalidade que caracteriza o “mau sujeito”, aquele que se contraidentifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso como determinação exterior de sua interioridade subjetiva; e *desidentificação*, modalidade que caracteriza também o “mau sujeito”, aquele que transforma-desloca a forma-sujeito, desidentificando da FD em que até então estava inscrito.

Juntamente com o suporte teórico-metodológico da análise de discurso, lanço mão de algumas noções importantes relativas às teorias de gênero para situar minhas análises. Assim sendo, me embaso na filósofa pós-estruturalista Judith Butler⁵ que propõe que o sexo seja tratado como produto tão cultural quanto o gênero, afirmando então, que este é também o significado discursivo/cultural pelo qual o ‘sexo natural’ é produzido como pré-discursivo. A crença já pressuposta socialmente, na qual o gênero é compreendido ou apreendido como binário, estaria ligando, veementemente então, o gênero como espelho do sexo ou restrito pelo sexo. Para Butler, quando o gênero é teorizado como radicalmente diferente do sexo, torna-se livre e, assim, os homens podem ter um corpo feminino e as mulheres um corpo masculino. Portanto, pensar gênero é pensar em algo que permeia a vida de todo mundo. Tal questão é tão presente que naturalizamos seus efeitos apagando assim seu caráter político. Minha proposta de pensar as questões de gênero permeadas pelo político advém da noção de *poder* em Foucault. A ele, interessa pensar o poder enquanto elemento que explica como se produzem os saberes e como nos constituímos nessa articulação. Com isso, ele mostra que a docilização do corpo é muito mais interessante para o estado do que o terror e que tal docilização, acontece pela via disciplinar, pois somos, primeiramente, objetificados numa rede disciplinar, e, quase ao mesmo tempo, vamos nos enxergando como sujeitos nessa rede – uma rede que parece-nos invisível, por isso pensamos que o disciplinamento é natural.

⁴ PÊCHEUX, M. Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1988, p. 150.

⁵ BUTLER, Judith. Bodies that Matter: On the Discursive Limits of ‘Sex’. New York and London: Routledge, 1993, p. 65.

Assim, dizer que a disciplina fabrica corpos dóceis é diferente de dizer que ela fabrica corpos obedientes. O notável do poder disciplinar é sua atuação no nível do corpo e dos saberes, resultando assim em formas particulares tanto de estar no mundo, quanto de conhecer o mundo e nele se situar. Então, podemos dizer que a disciplina permite a inteligibilidade, a comunicação e a convivência total na sociedade. Não que sejamos todos igualmente disciplinados, mas todos devemos compreender o que e como deve ser um corpo disciplinado.

Logo, a personagem Muriel ocupa esse espaço político em termos de atuação, pois seu comportamento e as diversas formas às quais é significada (e também significa) proporcionam um modo de pensar que se impõe às travestis em nossa sociedade. Como bem problematiza a autora Judith Butler em relação à designação: “O nome carrega dentro de si mesmo o movimento de uma história que o aprisiona” (Butler, 1997, p.36).

Referencial teórico

“Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. Isso, que é contribuição da análise de discurso, nos coloca em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem.” (ORLANDI, 1999, p.9)

Uma das teorias que alicerça este artigo é a Análise de Discurso de linha francesa (AD) que se configura numa disciplina de entremeio, pois se articula numa relação entre três domínios disciplinares: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Assim, Michel Pêcheux, principal teórico da teoria, inaugurou um novo período de reflexão sobre a linguagem.

Assim como para a teoria discursiva, a linguagem não é una (homogênea), o sujeito também não é. Este é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, produzindo assim um sujeito clivado, descentrado, não se constituindo na origem do sentido. Ele é, portanto, integrado ao funcionamento do discurso, determinando e sendo

determinado tanto pela língua quanto pela história. Contudo, o sujeito tem a ilusão de ser a fonte, origem de seu dizer.

Na constituição desse sujeito do discurso, intervêm dois aspectos: o sujeito é social, interpelado pela ideologia, mas se acredita livre e individual, ele dotado de inconsciente; desse modo, afetado por tais aspectos e assim constituído, o sujeito (re)produz seu discurso.

Outra importante noção que permeia minhas futuras análises é a de Formação Discursiva (FD), que, segundo Pêcheux, “é aquilo que, em uma formação ideológica dada determina o que pode e o que deve ser dito a partir de uma posição dada na conjuntura social.” (PÊCHEUX, 1975, p.188). É, portanto, a formação discursiva que determinará qual efeito de sentido prevalecerá em detrimento de outros, o que evoca, por sua vez, o que é possível na língua e no discurso.

Isto posto, torna-se necessário dizer que a teoria permite afirmar que cada sujeito é determinado pela FD em que se inscreve e pela ideologia que lhe constitui enquanto sujeito, por isso diferentes sujeitos produzem diferentes gestos de interpretação e, conseqüentemente, diferentes sentidos.

Mobilizo aqui, a noção de Pêcheux que afirma a interpretação como um gesto, um ato no nível simbólico. O ato de interpretação deriva da relação do autor com a memória, o interdiscurso. Ou seja, o sentido não está fixado na palavra em sua transparência, nem tampouco pode ser qualquer um. Ele é carregado de uma determinação histórica.

Outro teórico do discurso que julgo importante mencionar neste referencial teórico é Michel Foucault. O trabalho de Foucault provocou a noção de descentramento da identidade e do sujeito graças à noção de poder disciplinar, e é a partir dessa noção que procuro elucidar aqui alguns aspectos que muito me interessam à luz das *Teorias de Gênero* e dos *Estudos Queer*. Segundo Seidman (1995, p.125, apud LOURO, 2015, p.40),

“Os/as teóricos/as *queer* constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos – em particular, apoiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; são favoráveis a uma estratégia descentradora ou desconstrutivista que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado

e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.”

O alvo mais imediato de oposição dos *Estudos Queer* é a heteronormatividade compulsória social. Tais estudos vêm criticar a normalização em um regime de poder-saber, e, por conseguinte, suas formas subjetivas de exclusão. Nessa linha, Louro coloca que “Queer representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada, e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora.” (2015, p.39)

Surgem, portanto, novas formas de pensar o conhecimento, a educação, a cultura e o poder, bem como a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades de gênero e sexuais. Tais formas estariam voltadas para o processo de produção das diferenças e trabalhariam com a instabilidade e precariedade de tais identidades. Assim, a epistemologia *queer* é considerada perversa, subversiva, profana e desrespeitosa.

A filósofa Judith Butler acredita que qualquer corpo pode performatizar gêneros, desconectando a ideia de que a cada corpo corresponderia somente um gênero fixo. Assim, ela propõe repensar o corpo não mais como um dado natural, mas como uma “superfície politicamente regulada”. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido como a forma pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um “eu” marcado pelo gênero. Portanto, ao pensar gênero como performativo, Butler indica que não há essência ou identidade nos signos corporais, assim, não existe uma natureza feminina na minha pessoa, para além dos atos, gestos e signos que reproduzo.

Neste mesmo passo, o sociólogo brasileiro Richard Miskolci trabalha com a ideia de normalização e fala sobre a heteronormatividade⁶. Miskolci⁷ afirma que a heteronormatividade expressa as expectativas, demandas e obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade (e demais pressupostos que dela derivam) como natural e, dessa forma, fundamento da sociedade. É, portanto, um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle. Assim, para ele, o estudo da sexualidade implica explorar os meandros da heteronormatividade, tanto a homofobia

⁶ Termo cunhado pelo teórico social Michael Warner o qual propõe que somos, de certa forma, assujeitados a uma norma que nos pressupõe heterossexuais.

⁷ MISKOLCI, Richard. *A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. Sociologias, 2009, p. 150 – 182. Consultado em 12 de setembro de 2016.

materializada em mecanismos de interdição e controle das relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, quanto a padronização heteronormativa dos homo orientados.

Partindo de tais pressupostos e corroborando com tais visões, concordo com o professor Tomaz Tadeu da Silva quando afirma que a identidade⁸ constitui-se em uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força e relações de poder. Elas jamais são simplesmente definidas, pois elas são impostas, convivendo sempre em um campo de hierarquias e, portanto, sempre disputadas. Há, contudo, processos que tendem a subverter e a desestabilizar essa noção de identidade: “Embora de forma indireta, as metáforas de hibridização, da miscigenação, do sincretismo e do travestismo também aludem a alguma espécie de mobilidade entre os diferentes territórios da identidade.” SILVA (2000, p.107).

Metodologia

“A transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para a compreensão de como um objeto simbólico produz sentido. Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem como procedimento de demanda um ir-e-vir entre teoria, consulta ao corpus e análise.” ORLANDI (1999, p.66 e 67)

É a partir dessa citação que começo a explicitar o caminho percorrido por mim até chegar ao efeito de fechamento das minhas análises. Na primeira etapa de análise, procurei ver nos textos das tirinhas suas discursividades, assim construindo um objeto discursivo em que minha intenção foi desfazer a ilusão de que aquilo que foi dito ali só poderia sê-lo dito daquela maneira. As relações estabelecidas entre os ditos e os não-ditos no decorrer desta primeira etapa me preparou para vislumbrar e começar a configurar as formações discursivas que estão dominando o discurso nas tirinhas. Juntamente com a delimitação das formações discursivas em questão, fui descobrindo a rede de ilusões de sentido e lançando meu olhar para as diferentes modalidades de forma-sujeito que o discurso encobria.

⁸ SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 103-133, [1996] 2000.

Colocando-me em uma posição deslocada que permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições, fui incitada a interpretar para lá das evidências. Sabendo que todo o discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e que não há discurso fechado em si mesmo, ao propor minhas análises, pensei em produzir efeitos de sentidos que desvendassem a rede discursiva que propõe a heterossexualidade e a cisgeneridade como algo natural em detrimento de outra sexualidade ou identidade de gênero considerada anormal.

É, portanto, partindo de tais noções e mediante a apresentação da primeira tirinha que começo a problematizar as análises.

Problematizando e performatizando o gênero



Figura 1 – Tirinha 1

Fonte: <<http://murieltotal.zip.net/>>; acesso em 10 de abril de 2016

Na primeira sequência da tirinha, o uso do vocativo Muriel, pelos demais componentes da tirinha, está ligado à aceitação da identidade de gênero da personagem Hugo. Muriel não é um nome exclusivamente feminino, mas está sendo designado como tal uma vez que a personagem se entende como sujeito do gênero feminino. Tal aceitação é reconhecida por ela na segunda sequência da tirinha. Permito-me dizer que o nome “Muriel” encontra-se na fronteira, assim como a própria cartunista Laerte se auto designa.

Ao lançarem mão de uma forma de designação destinada a sujeitos femininos, os sujeitos enunciadorez parecem estar filiados a uma Formação Discursiva (doravante FD) não preconceituosa.

Já na terceira sequência da tirinha, Muriel é agredida sendo designada como “bichona”. Tal referência está ligada aos sentidos cristalizados na sociedade sobre os homossexuais. Desse lugar, não há possibilidade de se pensar em diversidade de gênero uma vez que não há o reconhecimento da assunção do gênero feminino de Muriel por seus agressores, determinando assim a filiação destes em uma FD preconceituosa. A transexualidade de Muriel é vista, por seus agressores, como algo abjeto, como um lugar passível de violência ou como o próprio lugar onde a violência se manifesta. Portanto, o efeito de sentido que se (re)produz aqui é o de que há uma identidade de gênero que deve ser considerada normal em detrimento de outra considerada anormal e passível de violência. Por isso, ao a agredirem, há um esvaziamento de sua identidade, portanto, aqui, ela não é mais significada como “Muriel” para ser significada como “bichona”.

Também chama a atenção que, nessa mesma sequência da tirinha, o ato violento contra Muriel localiza-se em seu rosto, na cabeça, onde repousa o racional do ser humano, como uma forma de apagar a feminilidade performatizada ali e de explicitar que não seria racional a “mudança” de gênero. Outro fator importante que grita aos olhos é que, ao ser agredida, a personagem perde os cabelos (a peruca) – o que também estaria relacionado ao sentido cristalizado de que as travestis seriam mulheres montadas, algo não correspondente ao “natural”.

Ainda na quarta e última sequência, fica claro também a real filiação a uma FD preconceituosa pelos mesmos que, supostamente, na primeira sequência, não eram filiados a ela. A designação da personagem pelo nome “Hugo” (ao invés de Muriel, como anteriormente tinha sido referida) mostra que os enunciadorez de tal sequência a reconhecem, na realidade, como sujeito masculino.

Na sequência discursiva “isso é jeito de se vestir, Hugo”, o pronome demonstrativo “isso” constitui-se num modo de não-dizer, pois evita-se dizer o que, para o sujeito enunciadorez, é motivo de reprovação, desprezo e vergonha.

Ainda, na sequência discursiva “Você provocou, Hugo”, o verbo “provocar” remete à questão de que os padrões sociais e sexuais são significados, em nossa sociedade, quase

sempre a partir do sexo biológico, de um padrão heteronormativo, gerando assim um efeito de sentido de que aqueles que se narram fora das normas ou de tais padrões estariam afrontando tais conceitos estabelecidos e anteriormente cristalizados. No entanto, as travestis precisam “relatar-se” – narrar-se – para se tornarem inteligíveis. Tal ato se estabelece tanto por meio do discurso como por meio de sua performance e as manifestações sobre elas são sempre da ordem do ódio, da perseguição e da intolerância. Desse modo, os discursos de ódio em relação às identidades de gênero, têm como sujeito enunciador e agente quem os profere, porém, é a historicidade destes discursos que detém sua autoria.

Assim, a personagem Muriel é considerada um “mau sujeito”, na medida em que rompe com a dualidade masculino/feminino, baseada na questão cromossômico-biológica, instituída pela ordem falocêntrica. Ela se enquadra, portanto, na modalidade de desidentificação estabelecida por Pêcheux (1988).

Já os demais personagens da tirinha caracterizam-se como “bons sujeitos” porque estão plenamente identificados com a formação discursiva falocêntrica e com os saberes que a constituem.

Para seguir minha proposta com esse artigo, me valho de mais análises a respeito de outra tirinha da cartunista:



Figura 2 – Tirinha 2

Fonte: <<http://murieltotal.zip.net/>>; acesso em 10 de abril de 2016

Na primeira sequência da tirinha, o agente do aeroporto designa Muriel como “senhor”, revelando que o discurso hegemônico em relação à sexualidade exclui a homossexualidade e principalmente o travestismo. Ainda que a personagem esteja performatizando um certo gênero, o sujeito enunciador aqui não considera sua

performatividade passível de inteligibilidade. Já, ao contestar: “senhor?” Pode-se dizer que Muriel não se identifica com uma formação discursiva pertencente ao gênero masculino.

Em seguida, na segunda sequência da tirinha, ao referir-se a Muriel como “senhora” está claro que o enunciador somente enquadra a possibilidade de gênero na dualidade masculino/feminino o que está historicamente marcado em nossa sociedade heteronormativa, pois para que as palavras façam sentido, é preciso que elas estejam inscritas na história. O binário, então, supõe uma heteronormatividade e esta supõe a homossexualidade como anormal. Assim, fica quase evidente que a lógica binária é insuficiente para tratar dos que estão na fronteira. Já o movimento *Queer* supõe a vida desses corpos abjetos, corpos que deslizam que vivem na ambiguidade ou que vivem a própria ambiguidade.

Muriel, portanto, diante somente dessas duas alternativas, se vê mais uma vez no impasse da imposição de não ter a possibilidade de não se definir quando questiona o enunciador: “senhora?”

Tal questionamento liga-se diretamente à possibilidade do não enquadramento em quaisquer dessas duas designações de gênero, visto que gênero não é a extensão conceitual ou cultura do sexo cromossômico/ biológico, mas uma prática discursiva historicamente estruturada em torno do conceito de heterossexualidade como normal.

Assim, ao questionar-se “senhor?” e “senhora?”, Muriel produz um movimento de desidentificação com relação a FD falocêntrica, filiando-se a uma FD *queer* por assim dizer. Ao contrário de quem a interpela, identificado plenamente com a FD hegemônica.

Há, na terceira sequência da tirinha um silêncio constitutivo que, a meu ver, provoca um importante questionamento: Quem ou o que uma dada cultura suporta conhecer? Ou quem ou o que uma dada cultura se nega, se recusa, conhecer, e o que esses limites podem nos dizer. Logo, fica claro, aqui, que Muriel é ininteligível para o agente do aeroporto. Isso se comprova na quarta e última sequência das tirinhas quando ele lança mão do advérbio “*assim*”. Tal utilização constitui-se num modo de não-dizer. É importante que consideremos tanto o que o texto diz quanto o que ele não diz, aquilo que está implícito, aquilo que não é dito, mas que é significado. Retomando Pêcheux (1988, pág. 291), devemos, “tirar as consequências do fato de que o não dito precede e domina o dizer”. Portanto, trata-se aqui, de evitar o que para o sujeito-enunciador seria motivo de vergonha, pois na palavra se inscreve o não-dito, o que não é verbalizado, mas que está ali a significar.

Considerações Finais

A observação e reflexão das tirinhas destacadas permitem dizer que ocorre um confronto entre formações discursivas antagônicas através das modalidades de identificação e desidentificação da forma-sujeito, uma vez que Muriel rompe com os saberes de uma FD na qual estava anteriormente inscrita para se identificar com os saberes de uma outra formação discursiva.

Nesse processo há predominância dos saberes que constituem a FD hegemônica no discurso das tirinhas de Laerte com a finalidade de denúncia. Com isso, não podemos pensar em uma categoria universal de mulher, e sim em mulheridades, mulheres ou vivências femininas, não podendo universalizá-las em um conceito identitário imutável, uma vez que tal categoria pode estabelecer relações diversas, mobilizando uma interdiscursividade diferente dependendo das diferentes condições de produção nas quais é discursivizada.

Portanto, ao romper com os saberes de uma Formação Discursiva hegemônica, Muriel desestabiliza aqueles sentidos que pareciam estabilizados e transparentes, levando-os ao deslocamento, à deriva e à ruptura.

A autora Judith Butler afirma que “discursos habitam corpos”, portanto, o corpo é efeito dos discursos e de seus rituais cultural e ideologicamente pré-estabelecidos, encontrando um lugar epistemológico, onde o corpo se torna inteligível, portanto passível de nomeação, um lugar ontológico, onde o corpo torna-se regulável, e um lugar político, onde o corpo torna-se passível de legitimação e normatização. No entanto, sob meu ponto de vista, as normas não determinam exhaustivamente o sujeito, já que sua ação é performativa, porém o sujeito também não possui uma liberdade plena e radical que lhe permita ignorar as normas que o resguardam.

Em seu livro *Bodies that Matter*⁹, Butler volta à categoria de sexo, e ao problema da materialidade quando se pergunta como o sexo por si pode ser interpretado como uma norma. A ela interessa pensar como uma norma de fato materializa um corpo, como devemos entender a materialidade do corpo para que não seja somente investida pela norma, mas contornada pela norma.

⁹ BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of 'Sex'*. New York and London: Routledge, 1993, p.145.

“Definir alguém como homem ou mulher, como sujeito de gênero e de sexualidade significa nomeá-lo segundo as marcas distintivas de uma cultura” (LOURO, 2015, p.91). Isso significa dizer que classificados no interior de uma cultura, esses corpos se fazem históricos e significantes. Logo, para que se construa a materialidade dos corpos, as normas regulatórias de gênero e da sexualidade – invenções sociais - precisam ser continuamente reiteradas. Assim, alguns sujeitos as repetem e reafirmam, outros, assim como Muriel, buscam delas escapar.

Finalizando, o papel do gênero produz a falsa ideia de estabilidade, em que a ideologia heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental. Portanto, tais oposições nada mais são do que um discurso que leva à manutenção da tal ordem compulsória que se dá pela repetição de atos, gestos e signos, de ordem ideológica, que reforçariam a construção dos corpos masculinos e femininos.

Abstract: This work aims to analyze the comic strips by Laerte Coutinho that refer to the character Hugo/Muriel, from the theoretical- analytic foundation of French Discourse Analyses of Pêcheux (DA) and from the theoretical foundation of Queers Theory. There is, therefore, during Hugo’s process of existence, the appropriation of the female gender by this character. Accordingly, this work is restricted to an analysis of the displacement of a subject-form and, consequently, of a discursive functioning, assumed by the character Hugo in Laerte’s comic strips. We intend to verify then, if the assumption of a new discursive function by the character determines the displacement of knowledge which he is not identifying anymore, fact that would be social, historical and ideologically connected to the notion of discursive memory and historicity. Thereby, the reflections from the highlighted comics allow saying that there is a confrontation between antagonistic discursive formations, through the identification and not identification modalities of the subject-form.

Keywords: Subject-form. Identities. Heteronormativity. Genders.

Referências

BUTLER, Judith. *Como os corpos se tornam matéria*: entrevista. Estudos feministas, vol. 7, nº 1-2, Florianópolis, 1999a, pp.155-167.

_____. *Cuerpos que importan*. Sobre los límites materiales y discursivos del sexo. Buenos Aires: Paidós. 2002 [1993].

_____. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006 [2004].

_____. *Excitable Speech. A Politics of the Performative*. New York and London: Routledge, 1997.

_____. “*Gender as Performance. An Interview with Judith Butler*”. *Radical Philosophy*, n.º 67, pp. 32-39 (Interview with Peter Osborne and Lynne Segal), p. 37, 1994.

_____. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. 2ª ed. New York, Routledge, 1999b.

_____. *How Bodies come to Matter: An Interview with Judith Butler*, *Signs. Journal of Women in Culture and Society*, vol. 23, n.º 2, pp. 275-286 (Interview with Irene Costera Meijer and Baukje Prins), 1998a. .

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: O discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo. Ed. UFSCar, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade I: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2ª.ed.; Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso*. In: GADET,F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975)*. In: GADET,F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.

SPARGO, Tamsim. *Foucault e a teoria queer*. Tradução Vladimir Freire- Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006.